



Semanario independente, humorístico,
 illustrado e musical

Proprietario e director: Cesar Correia — Redactores: Anacleto R. d'Oliveira, Palermo de Paria, Emeccé, Banto Mantua e João Bastos — Administrador: Xavier da Silva
 Desenhos de A. Lacerda, C. Craveiro e J. Bastos — Directores musicaes: Alfredo Mantua e Fernando Padua — Gravuras de Dumas

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua de S. Lazaro, 75, 2.º — LISBOA

Numero avulso 20 réis

Toda a correspondência deve dirigida ao administrador

Officinas de composição e impressão

A LIBERAL — R. de S. Paulo, 216 — LISBOA

Condições da assignatura: Série de 12 numeroes — Lisboa e Provincias, 200 réis. Colonias, 400 réis. (Pagamento adelantado) — A cobrança pelo correio é augmentada em 100 réis — Não se attendem os pedidos de assignatura que não forem acompanhados da respectiva importancia



Luigi Ceccarelli

Tenor brasileiro



Aviso. — O decimo 3358 coube á Ex.ª Sr. D. Mariana Sant'Anna Osorio. — Rua Poço dos Negros, 30-2.º — Lisboa



ESTUDOS DE OCCULTISMO

As forças cósmicas

O espirito de Deus é levado sobre as aguas.

GENESIS—1—2
Le mouvement c'est le souffle de Dieu en action parmi les choux créées.

L. LUCAS—Chimie nouvelle.

Já por varias vezes nos artigos anteriores temos empregado a palavra *força*, sem nos termos explicado sufficientemente sobre a sua significação, porque nos reservamos para tratar de este assumpto num artigo em separado.

Effectivamente é tão essencial ao occultista o estudo das forças cósmicas que, sem as conhecer, não poderá avançar com firmeza. Sentindo-se constantemente cercado por ellas, é victimado por umas e auxiliado por outras, por isso necessario lhe é aprender a bem conhecer quaes as que atrazam a sua evolução e quaes as que lhe são favoráveis.

Encontram-se forças em cada um dos mundos de que temos falado. Haas no mundo physico, no mundo astral, no mundo mental, etc.

As primeiras são do dominio da physica; e bem sabido deve ser do leitor que os physicos chamam força a toda a causa de natureza desconhecida que produz movimento ou alteração de movimento. Os corpos são os vehiculos das forças; e é por intermedio de ellas que podemos tomar conhecimento do mundo physico. Em contacto directo ou indirecto com certas partes do nosso corpo—órgãos dos sentidos,—os corpos desenvolvem reacções, por meio das quaes impressionam o nosso ser, conforme as propriedades do corpo em acção. Por isso o conhecimento que nós possuímos do mundo exterior, não é real, mas apenas constituido por estados especiaes da nossa consciencia, em relação com as impressões produzidas nos nossos órgãos.

Em quanto tivermos o espirito obscurecido pela união com a materia, os seres que povoam o mundo exterior, serão para nós váos phantasmas, occultando a sua natureza real sob apparencias illusorias. A nossa ignorancia e deficiencia é que nos obrigam a defini-las apenas pelas impressões produzidas sobre os nossos sentidos.

Essas impressões são muito variadas mas podem grupar-se em cinco categorias, conforme o órgão do sentido impressionado. Uns dão-nos impres-

sões directas: são o tacto, o gosto e o olfacto. Os outros dois, o ouvido e a vista, dão-nos impressões dependentes de um estado especial de vibração, que nos é transmittido por um meio especial.

Para que as vibrações que se têm chamado sonoras, nos sejam transmittidos ao órgão do ouvido, é necessario um meio de certa densidade, em geral o ar; podem contudo ser tambem transmittidas por um meio liquido ou solido. Mas quanto menos denso é o meio, menos nitida é a impressão que o nosso ouvido recebe, de modo que os corpos, comprehendidos entre os gazes e o ether, aos quaes Gustave Le Bon chama productos da desmaterialização da materia, já não podem transmittir-nos ao ouvido as vibrações sonoras, podendo contudo ser sensiveis as vibrações de outra natureza.

As vibrações sonoras começam a ser percebidas pelo órgão do ouvido, quando chegam a 17 por segundo; á medida que augmentam, torna-se o som mais agudo, e deixam de ser percebidas pelo nosso ouvido, quando attingem o numero de 38000 por segundo.

As moleculas dos corpos podem ser animadas de movimentos vibratorios ainda mais rapidos, que a physica, o que prova só poderem ser transmittidos pelo ether e a que correspondem comprimentos de onda cada vez menores.

As oscillações transmissiveis por este fluido e cujo comprimento de onda pode baixar até 6 m. m. são vibrações electricas. (1) De ahí até 100 microns (millesimos de milimetro), as vibrações não actuam sobre os nossos sentidos. Segue-se o chamado espectro infra vermelho, que attinge 0,8 micron; depois o espectro visivel até 0,4 micron; e em seguida o ultra-violeta até 0,1 micron.

ARTHUR BENONI.

(1) Chassayny — Cours elementaire de physique.

(Continua)

MARIO DE SANTA-RITTA

Já não existe o moço poeta que com os seus versos tão inspirados honrou este semanario!

A morte implacavel foi mais uma vez torturante, cruel, roubando-lhe a existencia, quando, cheio de alegria e radiante mocidade, a vida se lhe ant'olhava risonho caminho perfumado por flores inebriantes e odoríferas.

Vinte e dois annos apenas, contava Mario de Santa-Ritta, que era um rapaz de cujo talento muito havia a esperar, e que empregava os seus ocios dedicando-se ao cultivo das muzas.

A redacção do *Azulejos*, sentindo a perda do seu talentoso collaborador presta-lhe a homenagem do seu mais sincero pesar, publicando dois sonetos do distincto e mallogrado poeta.

A todos os seus, e em especial a Au-

gusto Santa-Ritta, tambem nosso estimado collaborador, a expressão do mais sentido pesame.

Seguem os dois sonetos do desventuroso Mario:

HOJE...

(Ao distincto humorista Manuel Chagas)

Eu já te analisei as formas incompletas
Na hystérica nudez da Carne sequiosa...
E puz-me, com franqueza, a rir dos mais
Poetas,
Que não têm, como eu, a alma viciosa.

Porque a verdade é esta: a eterna perfeição
Que dizem que preside ás leis da Natureza,
E' sempre a mesma lama, a mesma podridão,
Que á propria podridão tem linhas da Belleza.

Eu tambem já um dia, ó pallidos Romeus,
(Quem me dera ser vós!) acreditei em Deus,
Nesse Deus infeliz, que se deixou morrer

Como um tólo qualquer, em certa sexta-feira...
(E ao lêr isto senti no coração crescer
A Raiva que eu verti na lagrima primeira!)

Dezembro de 1908.

MARIO DE SANTA-RITA.

Fim d'um poeta

Francamente, não sei já que dizer
Da vida que eu arrasto, tão sosinho...
Mas emfim!... vejiam lá: quando eu morrer
Levem-me á cova com algum carinho.

Não hajam trambulhões pelo caminho,
Que eu vou lá dentro, anh?... Se algum
dissers

(Um tolo com certeza...) «Coitadinho!»
Respondam-lhe isto que vos vou dizer:

O coitadinho és tu... Era um poeta...
(O homezinho entenderá *pateta*)
Que estudou e descreu da humanidade...

(Aqui o homem baixará os olhos...)
E agora o tal poeta dos abrolhos
E' mais prosaico que o sr. Abbadé!

MARIO DE SANTA-RITA.

Um outro nosso estimado collaborador e tambem poeta distincto, dedica á memoria de Mario o seguinte sentido soneto:

PERDÃO

A' memoria de Mario de Santa-Rita

Choravas com razão, sentimentamente,
Pobre poeta e palida creançal
Viras partir a derradeira esp'rança,
Vivias só na dôr, triste e doente!

A Tisica cruel, inconsciente,
Que já nos tem roubado tanta esp'rança,
Andava-te a espreitar, qual pomba mansa,
E arrebatou-te á Vida cruelmente!

Se lá no ceu, onde te vi subir,
(Foi Deus quem te chamou... és mais um
santo)

A minha humilde voz se pode ouvir,

Eu venho-te pedir, palido asceta,
Que me perdões ter rido do teu pranto,
Que não soube sentir, grande poeta!

MANOEL CHAGAS.

CONTOS BREVES

V

TRAGEDIA

O medico que o seu marido chamára para lhe curar essa dôrzinha aguda que ela — havia annos — sentia no fígado e que aumentára nos ultimos meses, depois de a ter examinado attentamente chegára a uma conclusão indubitavel, baseada nas mais seguras provas: O mal que causava essa dôr era um cancro... uma sentença de morte, sem apelação, porque o tumor creara já fundas raizes, sendo por isso inutil uma operação que, feita a tempo, poderia dar ainda uma illusão de cura, durante alguns annos...

Um cancro!... ah! ela sabia bem o que era essa terrivel doença... Sua mãe morrera da mesma enfermidade, depois de ter sofrido atrocemente! Um cancro!... O seu lindo corpo que tantos haviam ambicionado, iria apodrecendo pouco a pouco e todos fugiriam dêle com receio de serem contaminados pela horrivel mlestia... A morte era o menos; as dôres cruéis, atormentadoras, que a torturariam sem piedade, minuto a minuto; essas é que a enchiam de pavor...

N'este mundo, porem, tudo tem remédio menos a morte por isso ela, depois dalgumas horas de profundo abatimento, poz-se á procura da receita daquêle que a salvaria e... achou-a rapidamente...

A' noite, quando o seu marido se dirigia para o seu escriptorio ella seguiu-o e, ao transpor a porta do gabinete, fechou a á chave. Ele, admirado, perguntou-lhe:

—Porque fechaste a porta?

—Porque te desejo pedir uma coisa e porque não quero ser importunada, respondeu-lhe. Ah! mas socega Luiz... Não é nenhuma joia custosa nem nenhum vestido que te venho exigir... E' apenas... um remedio que me salvará... a morte! ..

Ao ouvir estas palavras, Luiz recou estupefacto, exclamando:

—O quê! A morte!?!... O que queres dizer com isso?...

—Uma coisa simples e racional... Venho rogar-te que tenhas dó de mim que ponhas termo ao meu martirio... Um horrivel fim me está destinado, não é verdade?... Pois bem! para que o hei-de esperar, sofrendo sem treguas, se posso deixar a vida, quasi sem sofrimentos, em poucos segundos e, para mais, feliz... sim feliz, porque morrendo ás tuas mãos morrerei venturosa!?!...

—Oh! cala-te! Cale-te, Elisa! ordenou-lhe elle. Pois tu não atinges a monstruosidade das palavras que proferes?... A vida é sagrada! Ninguém tem o direito de dispor dêla! Um suicida é tão criminoso como um assassino! Viver é sofrer!... Resigna-te pois e... sofre!...

—Ah! como te agradeço o que acabas de dizer!... Queres então que eu sofra?... Achas mais humano que vá morrendo aos pedaços, atormentada a cada instante, enojando todos?... Pela ultima vez! tem compaixão de mim!... Mata-me! Mata-me!...

Caíra aos pés de seu marido derramando abundantes lagrimas, mas este repeliu-a exclamando:

—Por Deus! cala-te!... Tudo quanto disseres será inutil! Não vês que me estás pedindo a maior das loucuras, o maior dos crimes?...

A desgraçada então levantou-se, enxugou as lagrimas e, olhando-o fixamente, exclamou:

—Muito bem! Não fazes o que eu te implorei... Não tem duvida... Outro o fará... outro que me ama mais do que tu, outro que terá o bom senso e a coragem necessária para concordar comigo... um homem a quem me entreguei completamente... a quem abandonei todo o meu corpo... o meu amantel!...

Ouvindo estas palavras, Luiz, soltou um grito de furor, mas ella continuou serenamente:

—Ah! tu acreditavas em mim... tu acreditavas no meu amor, nos meus beijos!... Pobre nescio! Numa mulher nunca se acredita; uma mulher mente sempre! Eu menti te sempre! Ainda ha pouco te mentia!...

—Cala-te, miseravel! Cala-te ou matote!...

—Não tenho medo! Pedi-te a morte e tu recusaste-ma... Não ma vaes dar agora, com certeza... Podes gritar se quizeres, que nem terei medo, nem me calarei!...

Então Luiz avançou para ella gritando, cego de furor:

—Ah! não terás medo? Não te calarás!... Veremos, prostituta!... e dizendo isto derrubou-a sobre uma poltrona...

Uma nuvem de sangue, toldou-lhe a vista... Lançou-lhe as mãos ao pescoço...

—Calas-te ou não! Calas-te ou não! Calas-te ou não!... ia dizendo, arquejante, enquanto a estrangulava.

—Sou feliz... Morro como queria... mentira... é men...ti... bradára Elisa com a voz recortada pela sufocação, mas elle não a ouvira e, numa alucinação feroz, continuava apertando... apertando esse lindo pescoço que tantas vezes cobrira de ardentes beijos...

Das personagens desta pungente tragedia só restaram dois corpos. No dia seguinte; um, foi levado para o cemiterio; o outro, para um manicómio...

MARIO DE SÁ CARNEIRO

Resposta

Ao distincto collega ELMINO

A' pergunta delicada
Com prazér responderia,
Mas, commigo, não vae nada,
Isso era o que você qu'ria.

O que julga madureza,
(E no conceito não erra)
Creia, falo com franqueza,
Um grande segredo encerra!

Ali vive com recatos
Um pateta jovial;
Bem longe de litteratos,
Que de tudo dizem mal...

MANOEL CHAGAS.

ORAÇÃO

Ao meu amigo A. Rocha «LORENO»

Lindas coleras divinas

Das «Cancros sociais» de Luiz Santos Areias

Oh! Sabbaóht, deus do raio
Que habitas os altos ceus
Manda ao mundo um raio dos teus
E d'uma vez fuzilá-o;
Queimae as flores de Maio,
Que ornamentam as campinas;
Aquecei as aguas finas;
Destruí todo este mundo,
Por quem tenho horror profundo;
Lindas coleras divinas!

S. JOÃO RODRIGUES

Musa Galhofeira

(Retardadas)

MOTTE

Senhora madre abbadessa
Não castigue as educandas.

GLOSAS

Uma idea me atravessa
O cer'bro n'este momento,
Era entrar n'esse convento,
Senhora madre abbadessa.
Mas, se me der na cabeça,
Trepár as grades em andas.
Use de maneiras brandas,
Se eu lá fizer desatinos,
E se forem pequeninos,
Não castigue as educandas.

A. PITOU.

MOTTE

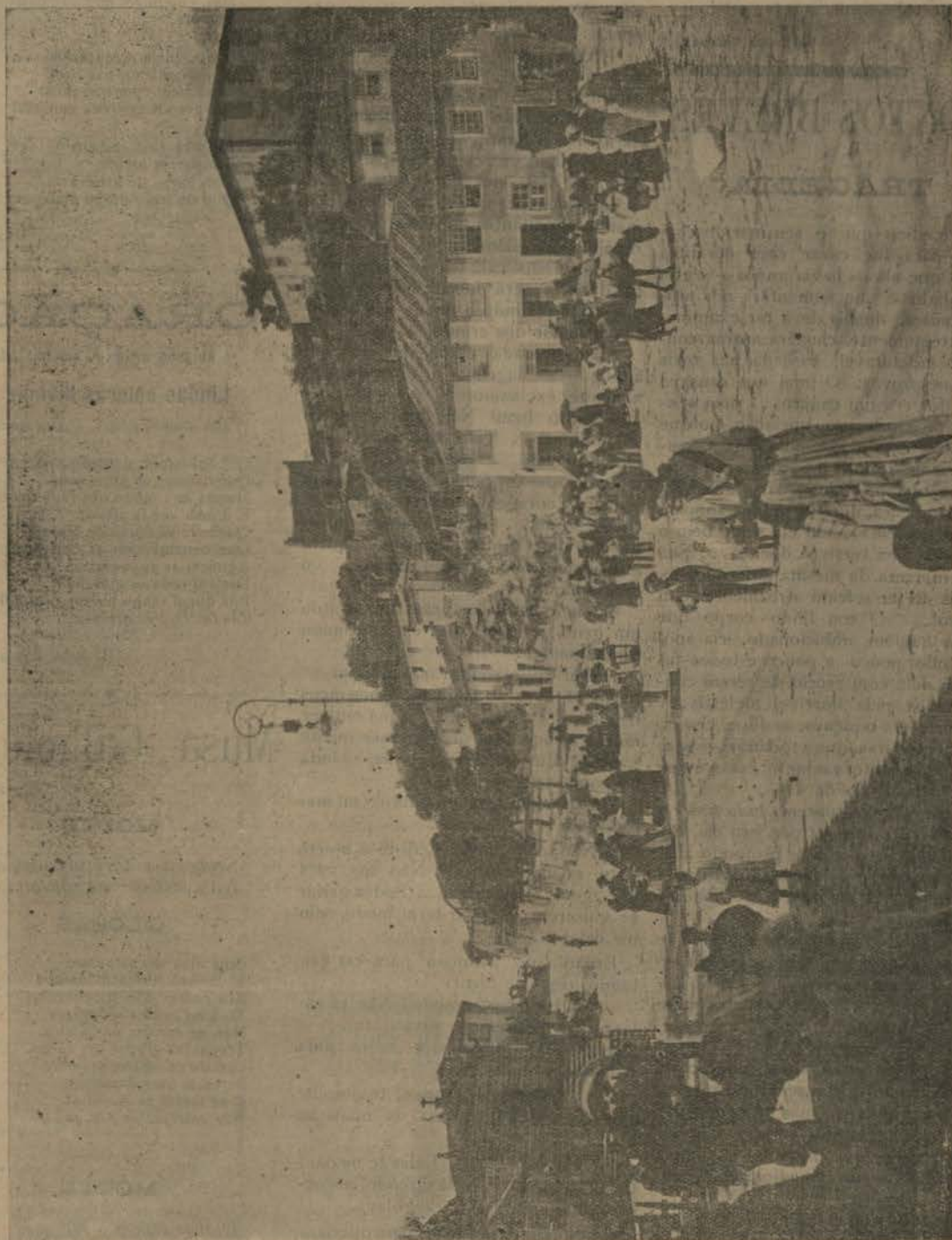
Diabos levem o amor
Que me faz d'estas partidas.

Glosa

Ah! Senhor Padre Prior!
Queira ouvir-me a confissão,
Blasfema o meu coração:
«Diabos levem o amor»
Vou ser 'sposa do Senhor,
Vou entrar p'rás convertidas,
Tenho as esp'ranças perdidas,
D'encontrar um bom consorte,
E maldigo á minha sorte,
«Que me faz d'estas partidas»

A. PITOU.

Portugal Pittoresco



ERVEDAL DA BEIRA — Praça d'El-Rei D. Manoel II

FEITICEIRO DAS TREVAS

Consulente: Pedro M. da F.

O sr. Pedro é, como a maior parte dos individuos da sua especie, um homem extraordinariamente contraditório. Detesta a superioridade, o dominio e o despotismo: pois sim, mas o seu horóscopo diz claramente

que as características do seu caracter são a ambição, a gloria, o poder e a educação social. O sr. detesta essas coisas todas mas é nos outros; para si muda o caso de figura: disse consigo, *a regra é que não haja despotas, nem ambiciosos nem dominadores, mas toda a regra tem excepção, e excepção sou eu.*

Vae bem nêsse papel da comedia da sua vida e não lhe quero mal por isso.

No entretanto, devo dizer-lhe que para conseguir os seus fins, se deve abster de manobras vis, tortuosas, duvias e baixas.

Suba, ninguem lh'o imperie, mas, sem derrubar propositadamente o parceiro que encontrar a seu lado na escada. A lucta pela vida que seja leal e franca, sem desfallecimentos, com firmeza e denodo, mas honrada e sem emboscadas. Tudo isto é tanto mais

facil, quanto é certo que a influencia planetaria de Jupiter em boa posição lhe desenvolverá no caracter idéas de lealdade e devêres reciprocos.

Não ha menor duvida que é amado pela mulher a quem actualmente corteja e, se não se casar com essa dama, a culpa não será d'ella; tenho mais medo de si que da pobre senhora.

Não casará antes dos vinte e cinco annos e será pai de seis filhos, todos varões, que lhe põe o sal na mo'eltra.

Fallêmos agora da caverna litteraria, onde o senhor quer entrar, tendo chegado inêsmo, segundo sua declaração á porta de entrada.

Desculpe? será sempre um mau litterato, não passará dum escrevinhador banal, sem estylo, sem escola e sem idéas.

Se quer por força sujar papel façasse mercêeiro e terá conseguido o seu desideratum.

Consulente: João M. C.

O quê? O senhor aos quatorze annos já conhece toda a obra dos Græve, Abañez, Erculano, Gomes Leal, Junqueiro, Quesal, Boileau, Molière, Rousseau, Filinto Elísio, Camões, Garrett, Hugo, Flammariou, Heekel, Galifeu, Newton, e ainda por cima etc?!

Não será enganoso?! Não terá o meu amigo lido apenas esses nomes nas lombadas dos livros que enriquecem a estante do sr. seu papá, e julgue, por auto suggestão, que os leu e digeriu? Ou será o meu amiguinho como os coqueiros, que conhecem todas as ruas e ignoram o que se passa dentro das casas?

Ha, no seu pais, um proverbio, que

seja dito sem offensa, constitue uma carapuça talhada para a sua cabeça, e vem a ser:

—Quem compra e mente, na bolsa o sente.

— Ora vamos, confesse que toda essa bagagem litteraria se resume a:

Rocambofe, de P. du Terrail.

Supplemento Humorístico do Século

Manual do Perfeito Charadista.

— Ou não?

Auræ Nuptiæ

A noiva era formosa tinha uns olhos

De fascinante luz;

O noivo, era um borgesso, um pobre lorpa,

Um perfeito Tapuz.

No dia do ônivado vão p'ra Cintra

E viva a melancia!

A' noite vem p'ra casa, e em vez de nupcias

Tiveram desinteria.

A. Pinho.

Um dia de reinado

(De Miguel Peovins)

(Conclusão)

Angela—Não, Pedro, não! Mas como me disseste isso tão de repente...

Pedro—Como estes dias tem sido objecto de tantos obsequios á tua pessoa, nada mais natural que tivesses modificado as tuas idéas. Se já não me queres, dil-o francamente.

Angela—Não quero que soffras por mim, e, portanto, accedo aos teus desejos.

Angela—(com altivez de rainha, dando a mão a beijar como a um embaixador) Dou-lhe a minha palavra!

Ao cabo de alguns dias, na rua das Tullherias, Angela, com uma cesta de roupa debaixo do braço, entretinha-se em contemplar as carruagens, os automoveis e as toilettes das senhoras.

Pagomir, o conde que a havia presenteado com um broche de turquezas, encontrando ali Angela parada, dirigiu-se-lhe:

—Que bem estaria vossa magestade num d'aquelles automoveis!

Angela—O sr. conde aqui? nunca julguei que se pudesse lembrar d'esta pobre lavadeira.

Pagomir—Como não recordar-me de uma mulher deliciosa, de uma rainha de Paris que me deixou no coração uma recordação inapagavel?

Angela—Repare, sr. conde, que já não sou rainha.

Pagomir—Mas é sempre uma mulher admiravel, mais attraente com essa roupa simples.

Angela—Sr. conde!

Pagomir—Não me chame conde. Sou o seu amigo, o seu Alexandre. Quer que a leve na minha carruagem?

Angela—Na carruagem!

Pagomir—Porque não? Iriamos levar a roupa que está na cesta, e depois de a entregar daríamos um passeio pelo bosque.

Angela—Os dois juntos? Não, isso de forma nenhuma.

Pagomir—Mas não estivemos juntos nos carruagens officiaes?

Angela—Oh! mas então ia eu vestida de grande gala, e agora, como estou, nem sequer trago chapéu!

Pagomir—E isso que importa? Tomaremos um automovel fechado. De-

13— FOLHETIM DO "AZUEJOS,"

BASILIO JAX

ESTANISLAU SAM

(A Carteira d'um policia)

(Continuação)

CAPITULO IV

Quem matou o velho?

Eu vivêra pouco em Lisboa essa vida artificial do teatro por dentro e por isso, ao esbarrar com aquelle pandemônio onde se misturavam os mais heterogeneos olipetos, fiquei aturdido e, pisando aqui um guerreiro romano, esbarrando alem com um *druida* de barbas d'estopa até á cintura, lá fui, navegando naquêlle revólto oceano, evitando a custo os baixios e a reboque, qual frágil canôa, do grande barco que me parecia o Sam, ás abas do casaco do qual me agarrára como um

nafrago a uma taboa que a Providencia lhe deparasse. Subíamos pela coxia da direita e, chegados ao fundo, Sam, dirigiu se a um manêbo, alto, loiro, magro e esgrouviado, rigorosamente vestido de preto e que procurava saber com os labios quantas camadas de tinta vermelha se sobrepunham nas maçãs do rôsto duma *Vestal* de cavallinho.

—E' com o secretário do sr. James Honston, director e empregario deste teatro, com quem estou falando?

—O mesmo, exclamou o rapazote, franzindo o sobrolho e abandonando a *Vestal* ás caricias dum escravo grêgo.

—Queira fazêr-me o obsequio de fazêr saber ao sr. empregario que lhe desejo falar urgentemente.

O secretario mirou Sam, d'alto a baixo; depois, num tom sêco em que transparecia tôdo o autoritarismo dum *alterêgo* de empregario de teatro e caro exclamou, sorrindo ironicamente:

—O sr. Honston tem neste momento entre mãos negocios importantes e não pode perdêr tempo recebendo pessoas que não conhece.

E, dizendo isto, voltava as costas a

Sam e procurava com olhos de Satyro a celebre *Vestal* que, diga-se de passagem, parecia deleitar-se extraordinariamente accitando a côrte ao supracitado escravo grêgo. Não deu, porém, nem um só passo, porque a mão do meu amigo caindo lhe sobre o hombro, fêlo estacar repentinamente. Ao mesmo tempo Sam, inclinando-se um pouco, disse-lhe em voz baixa as seguintes palavras que, no entanto, ouvi perfeitamente:

—Sou o inspector de policia Estanislaou Sam, caso urgente.

Um raio que caísse aos pés do mal-fadado e atiradiço secretario não o deixaria mais assombrado. Fez-se extremamente pallido, desfez, como por encanto, a sarcástica carêta que ha pouco ostentára, e, transformando em arco de flêcha a espinha, tão aprumada um momento antes, exclamou tartamudeando:

—Mas, porque o não disse logo... Mil desculpas... o sr. Honston vae ficar encantado... queira seguir-me... eu proprio vou têr o prazêr de annuncial-o.

E, marchando adiante de nós, ia indicando quasi servilmente o caminho

sejo fallar comsigo um momento, estar um momento a seu lado.

Pagomir notou que a jovem vacillava. Immediatamente tomou um automovel que passava e obrigou Angela a entrar no vehiculo. Primeiro foram entregar a roupa aos freguezes, e depois como haviam combinado, dirigiram-se para o bosque. A conversa tomou um caracter de intimidade, até que o conde Pagomir tentou beijal-a.

Angela—(resgindo) Tenha a bondade de mandar parar o automovel. Quero descer immediatamente.

Pagomir—Não, não descerá. Quero que me escute. Uma mulher encantadora como a senhora, que já soube o que é a riqueza, o luxo e a alegria, não pode continuar sendo uma miseravel lavadeira.

Angela—Mas posso continuar sendo uma rapariga honesta e casar-me. Tenho um noivo, excellento operario, que me ama.

Pagomir—E a senhora corresponde-lhe?

Angela—(sem convicção) Sim.

Pagomir—Aviso a. Olhe que a espera o trabalho e a miseria. O contrario da maneira porque pensa, dar-lhe-ia um palacio; ali viveriamos juntos, com carruagens, magnificos vestidos, joias, e tudo quanto o seu capricho exigisse. Convem-lhe a proposta?

Angela—Leve-me immediatamente a minha casa.

Pagomir—(dando ordem ao chauffeur)—Dentro de dez minutos estará em sua casa. Não imagine quanto me apraz obedecer-lhe.

Angela—Prohibo-lhe que me falle d'esse modo.

Pagomir—Já conhece os meus desejos. Desço aqui. (E entregando-lhe um cartão): No dia em que tomar uma

resolução nada mais tem a fazer que dirigir-me duas linhas.

Angela—Não aceito esse cartão. Retire-se. Jurei casarme e casar-me-hei.

Pagomir—(descendo do automovel) Até quando?

Angela—Até nunca! Boas tardes.

Angela fechou febrilmente a portinhola do vehiculo, e no momento em que o automovel recomeçou a marcha, Pagomir lançou o cartão para dentro do carro.

E a ex-rainha de carnaval, recolhendo o cartão e mettendo-o no seio, disse comsigo:

—Sempre é bom guardar.

D. P.

Carta a um doutor

Quando o Globo surgiu na frontaria do seu predio, dizendo:—Consultorio, Houve um successo doído na Estefania, E o caso foi falado por notório.

De fora vem povo espressamente Para assistir á inauguração. Era noite. E ficamos esperando Que se fizesse a illuminação.

Oh espanto! oh decepção! oh crueldade! Mas, afinal, o gaz não se acendeu! E o globo, toda a noite, só se viu Na luz que se escoava lá do céu!

Só na noite seguinte illuminou! (A lua do seu brilho teve ciúme!) Mas, d'ahi a instante apagou-se, Dando-me a impressão de um vagalume!

Ficou tudo furioso; e na Estefania, Jurou alguém quebrar-lh'o á pedrada. Pois, aqui para nós, não tendo luz O seu globo não serve para nada.

O doutor suspendeu aquelle objecto Para tornar mais grave a frontaria, Ou foi para servir de sentinela Bradando: eis o medico do dia?

Foi para isto, eu sei. Ora, sem luz, O globo de que serve, ó querubim? Se o gaz é caro, empregue acetilene, Petroleo, azeite, qualquer coisa, emfim!

Já longe vae a carta; fico esp'rando Que o seu globo illumine qualquer dia. Se lór preciso, faz-se um peditorio E paga-se a despeza á Companhia!...

MANOEL CHAGAS.

O TUBARÃO

O nosso navio lançara ferro nas costas de Africa. O dia bello, uma brisa fresca vinha do mar.

A' tardinha, o tempo mudou; suffocava-se; soprava do Sahara, como de uma fornalha, uma aragem quente.

Antes do pôr do sol, o capitão subiu á ponte, e mandou banhar a tripulação. N'um momento os marujos aramaram barraca e improvisaram uma sala de banho.

Iam connosco dois grumetes. Foram os primeiros a descer á agua, mas achando acanhada a barraca de lona, nadaram para o largo, ao desafio.

Nadavam como lagartos. Um ganhou um certo avanço, mas breve o perdeu. O pae d'esse rapaz, um velho artilheiro, estava sobre a ponte e admirava as proesas do filho. Quando o rapaz ia perdendo terreno, o pae gritou-lhe:

—Anda me com elle; não te deixes ficar para traz!

que deviamos seguir, ao mesmo tempo que afastava febrilmente qualquer objecto que pudesse impedirnos a passagem.

Os que estavam no palco, artistas, carpinteiros, criticos, *flancurs*, emfim, toda a heterogenea tropa que entre bastidores se dá fraternalmente a mão, cumprimentavam-nos respeitosa e acollendo-nos com aquêle eterno sorriso hypocrita que é apanagio da fraternidade que reina em todos os palcos scenicos do mundo. O caso não era para mênos: dois pandegos a quem o Jupiter substituto do Lexington tratava com tão grande consideração, não podiam deixar de ser, que diabo, o grão-duque reinante d'algum estado d'Alemanha e seu secretario, ou então, dois credores irreductiveis a quem era necessario venerar como se fossem chefes d'estado.

Impavidos passámos e eu, ha longos annos costumado a estudar a fisionomia de Sam, lia-lhe no rosto, sób a impassivel mascara da sua cara parada a impressão que tudo aquilo lhe causava: tédio e desprezo.

De resto, eram os sentimentos que me animavam tambem.

Parámos em frente do gabinete do

diretôr. O secretario sorrindo amavelmente, quasi gargalhando, disse:

—Queiram t'er paciencia e esperarem um momento: vou prevenir o sr. James Honston.

E desapareceu no interior do gabinete.

—Que dizes á nossa marcha triumphal atravez o theatro, Sam?

—E' para que saibas, a União Americana prostrada reverentemente aos pés de Portugal.

—E' seu caso para o orgulho nacional queimar fogo d'artificio.

Disséramos estas frases em portuguez, e um janota que, proximo de nós rebitára as oréilhas ás nossas primeiras palavras, dizia agora com as de triumpho para uma dansarina vestida, ou melhor, despida quasi paradisiacamente: —Ah! já sei... são grégos... co-nhêço perfeitamente o idioma.

N'este momento abria-se de par em par a porta do gabinete e no limiar assumava a figura decorativa de James Honston.

Era um homem, rotundo, branco, loiro e quasi calvo. A cara, redonda e sem bigode lembrava, mercê das suas talhadas em crescente, uma lua en-

tre parenthesis. Os olhos eram pardos, pequênos e de extraordinaria mobilidade. Brincava-lhe no rosto o eterno, peculiar e cosmopolita sorriso dos homens de teatro.

Devia ser um velhaco de primeira agua. Por detraz d'ele surgia a silhueta do secretario suando curiosidade por todos os poros.

Mas, por Deus, exclamou Honston levantando as mãos ao Céu-nunca perdoarei ao meu secretario ter feito esperar tanto tempo o sr. inspector. Por quem é, queira honrar este modesto gabinete com a sua presença.

Entrámos: Sam apresentou-me como seu ajudante particular e dispunha-se a continuar quando Honston o interrompeu:

—Perdão! Paulo, disse voltando-se para o secretario—vá dar ordem para começar o terceiro acto e espere-me na bilheteira.

Paulo recolheu, de má vontade, a ventosa da curiosidade, pronta a apoderar-se das revelações da policia e saiu fechando discretamente a porta. Honston deu volta á chave e correu o reposteiro.

(Continúa)

Subito, alguém do navio gritou:
—Um tubarão!

E todos nós vimos á tona d'agua o dorso do monstro, que nadava direito aos dois rapazes.

—Para traz! voltem, voltem! um tubarão, gritou o artilheiro.

Mas os rapazes riam, brincavam, e nada ouvindo continuavam a nadar.

O artilheiro, pallido, immovel, não tirava os olhos d'elles. Os marujos arrearam prestes um escaler, e vogando desesperadamente, voaram em auxilia dos grumetes. Mas estavam ainda muito longe d'elles e o tubarão a algumas braças.

Os rapazes nada tinham visto nem ouvido; mas de subito, um delles voltou se: ouviu se um grito de terror; depois separaram-se. O grito despertára o artilheiro do seu torpor.

Correu á peça, apontou e pegou no morrão. Nós estavam petrificados, aguardando o que succederia.

Troou o tiro e vimos o artilheiro cahir de bruços junto da peça, occultando o rosto com as mãos.

A fumaceira impedia-nos de ver os rapazes e o tubarão. Mas quando o fumo se dissipou, ouvimos um doce murmurio, breve tornado n'um grito de geral alegria. O velho artilheiro descobriu o rosto e olhou o mar.

O ventre amarelo do tubarão balouçava ao sabor das vagas, e minutos depois o escaler reconduzia os dois rapazes a bordo.

CONDE LEON DE TOLSTOI.

PARA UM AMIGO

Ha dias perguntou-me:—«P'ra que escreve, Sabendo, como diz, não ter valor?» E eu vou dizer-lhe agora lealmente A razão porque sou *rabiscador*.

Neste mundo, onde ha tanta doença: Bexigas, o sarampo, o hemorrhoidal, Existe uma peor que todas essas: «A litt'ratite aguda» nacional.

Existem, como sabe, *especialistas* Que as doenças atacam com criterio; É a cura é tão rapida e perfeita, Que o doente vae ter ao cemiterio!

Mas, para mal da patria de Camões, Ainda não surgiu um *specialista* Em «litt'ratite aguda»: eis a razão Porque vivo feliz e sou *artista!*

Por certo, tem ouvido muitas vezes Nas ruas discursando, o pobre *Tim*. P'ra que diz tanta asneira? A isso o impelle A mesma força que me impelle a mim!

Eu, porém, mais funesto, sou de que elle, (Veja como o destino foi cruel): As asneiras que diz, leva-as o vento E as minhas ficam *scriptas* n'um papel.

Para que escrevo, Amigo? ... mas sei lá... Um automato sou inconsciente... Peça você a Deus, que eu também peço, Que o mal o não persiga cruelmente.

MANOEL CHAGAS.

Da «Musa Galkoifeira» no Prélo.

Madrugada

A' vicleta

Vae rompendo a manhã! O sol languidamente.
Enche d'um banho d'ouro a aldeia toda em fim,
Por toda a parte cheira, a rosas, a jasmim.
Vae rompendo a manhã, lenta, suavemente.

Por toda a parte se ouve em ondas de harmonia!
Um concerto sublime de magica belleza
A doce poesia d'aquellas madrugadas
Nos diz que é madrugada, nos diz que já é dia!

Quanta coisa nos diz baixinho ao coração
A doce poesia d'aquellas madrugadas
Puras, cheias de luz, serenas, perfumadas!

E longe muito ao longe na enorme amplitude
Coram-se nuvens, brancas das côres do arrebol!
Manhã cheia de luz! Manhã cheia de sol!

HUMILDE.

Semana Alegre

O commendador Ambrosio é extremosissimo pela familia. Achava-se elle um dia em grande sobresalto por causa de uma irmã ausente, que estava para cada hora.

N'isto chega um telegramma. Abre impaciente e lê o seguinte:

—Fui muito feliz. Tudo correu bem.

Passado o primeiro momento de satisfacção, o commendador exclama com um gesto de enfado:

—Afinal nem sequer me manda dizer o sexo da creança, e aqui fico sem saber se sou tio ou tia.

Flecher, bispo de Nimes, e celebre orador sagrado fallecido nos principios do seculo XVIII, era filho de um fabricante de velias de cebo.

Um outro prelado cortezão e fidalgo, disse um dia, fallando a respeito d'elle, que se admirava de que alguem o fosse tirar da loja do pae para o sentar n'uma cadeira episcopal.

Chegou este dito aos ouvidos de Flecher, que disse a quem lh'o transmittiu:

—Rasão tem elle para se admirar, porque se esse meu collega nascesse na condição em que eu nasci, ainda agora estaria a fazer velias de cebo.

PENSAMENTOS

O Nada é absoluto e inconcebivel.
CZOLBE

O homem não vive para que o sirvam, mas sim para servir.

TOLSTOI

O Estado é uma entrave na evolução humana, que progride no sentido da maxima felicidade.

KROPOTKINE

JANUARIO & MOURÃO

Ourivesaria e relojoaria

Grande quantidade de artigos em estojos proprios para brindes, desde 1\$000 reis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso.

Importação directa das fabricas.

Preço fixo

Rua da Pa'ma, 86, 88, 90, 92 e 92 A

GATOPRETO

R. S. Nicolau (esquina da R. do Crucifixo)

Lindissimos objectos para brindes

Caracteristicos e originaes modelos em
LOUÇA DAS CALDAS

Artigos de pintura

Tintas a oleo d'aguarella e pastel. Vernizes, telas, pinces, papeis e todos os artigos proprios.



JULIO G. FERREIRA & C.^A



Fornecedores da Casa Real

82 — RUA DA VICTORIA — 88

Exposição permanente

166 — RUA DO OURO — 170

Instalações completas para agua gaz e electricidade
Grande sortido de lustres em todos os generos

ZIZINHA

(Continuação)

PENSAMENTOS

